

# Mister se torna neoliberal

CORREIO BRAZILIENSE

11 JUN 2004



JOSÉ SARNEY

Senador do Amapá pelo PMDB, é presidente do Senado

**A**s palavras, como tudo na vida, sofrem a ação inexorável do tempo. Nasceram, amadurecem, têm seu instante de esplendor e depois morrem. Ao contrário dos seres vivos, ficam insepultas. Veja-se a palavra sevandija. No século 19 não se escrevia um artigo, uma catilinária, sem que ela fosse empregada. Hoje, ninguém mais se lembra do que era. Caiu no túmulo das palavras mortas. Até ficou um título de saber, conhecer palavras arcaicas. Luís Carlos Bello Parga, que foi senador e um dos mais cultos colegas que tivemos naquela casa, era respeitado porque "sabia línguas mortas" e gastava seu lazer em traduzir inglês arcaico.

Agora vejo a notícia de um manual de um partido político, cuja finalidade é fugir como diabo da cruz da palavra neoliberal. Neoliberal passou a ser insulto e ninguém quer ser. Já houve um tempo em que era moderno ser neoliberal. Hoje é anátema.

Niemeyer, outro dia, em artigo bem do seu jeito, enfrentou a horda púnica e se proclamou: "Sou stalinista". Na autoridade dos seus noventa e seis anos, não tem medo das palavras. Mas acrescentou, numa síntese bem esclarecedora, que as idéias políticas destes dois últimos séculos estavam balizadas com Adam Smith e Karl Marx. Aquele o liberal, o do mercado senhor de todas as soluções, esse o utópico, senhor de todas as esperanças. Chamar-se alguém de liberal há alguns anos era chamar de dinossauro, troglodita e filho da mãe. Hoje, marxista é a mesma coisa. Então nasceu o neo, como escudo e vacina contra todas as censuras.

O Consenso de Washington foi o Código Neoliberal, a lei de Moisés para ser seguida por todos. O negócio fez água e a tal ressurreição da humanidade pelo neoliberalismo foi colocada sob inquisição.

Dá a aversão ao neoliberalismo. Quem foi, diz que não é, e quem é diz que não foi. O que se foi, realmente, foi o neoliberalismo.

Eu, por meu lado, nunca fui nessa conversa. Com certo conservadorismo, fiquei ao lado do

que era avanço para a minha geração: o Estado de bem-estar social, este que o neoliberalismo destruiu. A modernidade era a velharia, e hoje a velharia passou a ser modernidade. Neoliberal ou neosocial, são, assim, palavras que estão no caminho do abandono.

Liberal tem acepção diferente em cada lugar. Nos Estados Unidos ser liberal é assim como radical de esquerda aqui. Uma eleitora do Partido Republicano,

certa vez, me disse: "Roosevelt? Liberal! Comunista!".

Num seminário da ABDIB me pediram para falar de desenvolvimento sustentável. Comecei por dizer que assisti, durante a minha vida, ao nascimento da palavra desenvolvimento, na década de 50. Foi Juscelino quem a popularizou. Antes era progresso. Agora, a moda é desenvolvimento, com o adjetivo sustentável. Essa expressão passou a ser a big word.

Ser atual e moderno é dizer

que temos de aprofundar a discussão, lutar pelo desenvolvimento sustentável e nada de neoliberalismo.

Fico com pé atrás com esse jogo de palavras. Vivaldi, meu saudoso e velho amigo presidente da Academia de Letras de Minas Gerais, sempre dizia que tinha horror à palavra inclusive.

Eu disse que também detestava muitas palavras e expressões. Mas a pior de todas é a horrível mister se torna neoliberal.

